

CARTOPOGRAFIA: AFLUÊNCIAS RIBEIRINHAS E PANTANEIRAS DA GEO-POESIA DE MANOEL DE BARROS NA EDUCAÇÃO

CARTOGRAPHY: RIVERSIDES AND PANTANS AFFLUENCES
 OF GEO-POETRY OF MANOEL DE BARROS IN EDUCATION

Jônatas de Jesus Tavares Farias¹, Gilcilene Dias da Costa²

RESUMO

As rotas deste texto-escrita se fazem por um movimento rizomático de experimentação conceitual de uma geo-poesia devorada do universo geo-poético de Manoel de Barros em suas afluências com uma geo-educação. Entre vias e territórios desse mapa-escrita, avistam-se as pequenas vidas rizomáticas a saltarem suas potências ínfimas entre linhas e ilhas de geografias nô-mades ribeirinhas e pantaneiras, a respirarem e transpirarem poesia nas derivas de uma geo-educação (Tadeu; Corazza; Zordan, 2004). Nesse navegar, abrem-se afluências entre filosofia (Deleuze; Deleuze e Guattari) e literatura (Manoel de Barros), ao encontro do conceito de cartopografia, num movimento de devoração (Costa), atingires e inventares outros na pesquisa em educação. Portanto, a geo-poesia apresenta-se como uma abertura formada por geografias misturadas, volvidas em movimentos de composição inventiva de paisagens tecidas entre remansos de rios-solidões e de ecoares de vozes-infâncias. Esta mistura de ecos, tabatingas, ribanceiras e fluxos produzem tingimentos no educar, experimenta educares impetuosamente gerados nas velocidades e viscosidades de encontros, infâncias, solidões. Um educar que se tinge enquanto um movimento contínuo e

¹ Mestre em Educação e Cultura pela Universidade Federal do Pará (PPGEDUC/UFPa), sendo bolsista CAPES, possui Graduação em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará/CUNTINS, sendo bolsista de IC e é membro do grupo de pesquisa ANARKHOS: Micropolítica Corpo, Arte-Performance e Experimentações Literárias na Educação (CNPq/UFPa). Atua como Professor de Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica do estado de Santa Catarina. Pesquisa acerca dos seguintes temas: Educação, conectada à Filosofia da Diferença, à literatura e à poesia, acompanhando suas variações e processos desde a escola básica até às composições conceituais, como as de geo-poesia e cartopografia. E-mail: jonatasdijesus@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5057-3849>

² Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Docente Associada da Universidade Federal do Pará/CUNTINS/Faculdade de Linguagem. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPa) e do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA/EDUCANORTE). Líder do Grupo de Pesquisa ANARKHOS: Micropolíticas, Arte-Performance e Experimentações Literárias na Educação. Coordena o projeto de pesquisa “Escritas antropofágicas: arte e literatura e educação e...” (UFPa/PIBIC). Pesquisa e orienta nas seguintes áreas: Educação, Filosofia da Diferença e Educação, Filosofia da Linguagem, Cartografias Literárias e Artísticas e Educação, Antropofagia e Educação, Gênero-Sexualidade e Educação, Estudos Feministas. E-mail: gicileneufpa@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7156-5610>

cotidiano. Um ínfimo aprender experimental do mundo. Um tecer sentidos por sentires, compor aprenderes por brincares e experimentar a tessituras de educares por vias sinuosas de uma geo-poiesia.

Palavras-chave: Cartopografia; geo-poiesia de Manoel de Barros; educação.

ABSTRACT

The routes of this text-writing experiment a rhizomatic movement of conceptual experimentation of a geo-poetry devoured from the geo-poetic universe of Manoel de Barros in its affluences with a geo-education. Among the paths and territories of this map-writing, we can see the small rhizomatic lives leaping their tiny powers between lines and islands of nomadic riverside and Pantanal geographies to breathing and transpiring poetry in the drifts of a geo-education (Tadeu; Corazza; Zordan, 2004). In this navigation, we peer the confluences between philosophy (Deleuze; Deleuze and Guattari) and literature (Manoel de Barros) to find out the concept of cartography in the movement of devouring (Costa) to reach and invent others ways to research in education. Therefore, geo-poetry presents itself as an opening formed by mixed geographies, turned-in movements of inventive composition of landscapes woven between backwaters of rivers-solitons, and echoes of voices-infancies. This mixture of echoes, tabatingas, streams, and flows produces dyes in educating experiences that educate impetuously generated in the speeds and viscosities of encounters, childhoods, and solitudes. An education that is dyed as a continuous and daily movement. Tiny experimental learning of the world. A weaving of senses by feeling, composed learning by playing, and experiencing the weaving of education through the winding paths of a geo-poetry.

Keywords: Cartography; geo-poetry by Manoel de Barros; education.

AFLUÊNCIAS

As linhas que entrelaçam esta escrita operam por movimentos intensivos e inventivos de um ato de criação do pensamento que busca compor um conceito e experimentá-lo em suas implicações, [acon]teceres e [a]tingires com a palavra poética-literária. Cunhado *geo-poiesia*, tal conceito é composto com as paisagens, *geografias*, rios e vozes da poética do ínfimo de Manoel de Barros.

Assim, nesta escrita, o conceito *geo-poiesia* é tecido por afluências e inaugurações, em uma intensiva composição por conexão e [re]criação de geografias, que operam no entrecruzar de rios e territórios. Um movimento de pontas de filamentos que se misturam, vindas ora das singularidades da palavra poética manoelesca, ora do Pensamento da Diferença de Deleuze e Guattari.

Dessa forma, *geo-poiesia* é um conceito constituído em movimentos de encontros e, portanto, está sempre na dimensão do por vir e da experimentação. Os processos de experimentação do conceito compõem a tessitura desta escrita, com suas variações e ressonâncias produzidas entre o pensamento filosófico e a palavra poética-literária. Nesse sentido, a *geo-poiesia* constitui-se no movimento de composição experimentado entre remansos de rios-solidões e e[s]coares de vozes-infâncias.

Tem-se, com isso, a proliferação de remansos barrentos, em que se misturam singularidades da poética do ínfimo de Manoel Barros, como também intensidades do pensamento rizomático,

que irrompem rios e geografias misturadas, [a]tingidas de processos contínuos de [des]formações e inauguraimentos. Entre fluxos e territórios em simbiose tecem-se a [re]criação e a produção de nascimentos e devorações no pensamento, despontados da umidade composta entre ribanceiras e afluências geo-poéticas.

Dessa maneira, a geo-poesia é constituída no movimento inventivo de composição entre singularidades poéticas com suas implicações e provocações intensivas no pensamento. As linhas desta escrita compõem-se, assim, pelos movimentos de paisagens provisórias, implicadas em uma geografia encharcada e inquieta de um conceito cuja tessitura se faz entre invencionices geográficas, artísticas e poéticas-literárias.

Com isso, neste mapa-escrita, ou nesta geografia de pensamento, se acompanham processos de tessituras de simboses entre territórios múltiplos, o que implica um método cujos procedimentos permitam a tessitura de tal mapa. Portanto, voltamo-nos à Cartografia de Intensidades proposta pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari. Tal cartografia é o método utilizado neste mapa-escrita, porém, não nos movemos aqui por um método (metá-hódos) no qual o caminho (hódos) do pesquisar é definido e pré-determinado por metas “dadas de partida”. Antes, buscamos a tessitura de um mapa-escrita composto em hódos-meta, ou seja, pelo exercício de uma aposta no experimentar do pensamento (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015).

Dessa maneira, o exercício de composição desta escrita é tomado de linhas poéticas-literárias intensivas, referindo-se, dessa forma, a uma cartografia de intensidades literárias. Assim, no mapa-escrita da geo-poesia despontam procedimentos de criação, [a]tingires e devoração, implicados no hódos-meta e nas linhas intensivas da palavra poética-literária

Experimenta-se, então, um pesquisar por cartopografia. No plano da geo-poesia trata-se de um pesquisar implicado em movimentos geo-antropofágicos, em que os processos de invencionices poéticas se tecem por meio de uma devoração de geografias amazônicas e pantaneiras, cujas [des]formações simbóticas [a]tinjam linhas e filamentos outros no pensamento. Assim, o desafio desta escrita consiste no movimento em que ele está inserido, que é o de produção e experimentação de uma geografia em e entre poética e filosofia. Uma geografia com paisagens geo-antropofágicas que implicam desacostumes no olhar.

Nesse sentido, a geo-poesia apresenta-se como uma abertura formada por geografias misturadas, uma mistura de ecos, tabatingas, ribanceiras e fluxos produzem tingimentos no pensamento, experimenta impetuosamente as velocidades e viscosidades de um conceito geo-poético. Esse movimento é que tomamos enquanto de devoração.

CARTOPOGRAFIA: ESCREVER-PESQUISAR POR INTENSIDADES LITERÁRIAS

A geografia da geo-poesia é composta por linhas intensivas, e acompanhar seus movimentos nômades e de devires é um exercício cartopográfico. Dessa forma, o mapa-escrita desta geo-poesia é composto a partir de uma cartografia de intensidades. Esta cartografia é forjada por Deleuze e Guattari na geografia de seu Pensamento da Diferença. O mapa de que se ocupa traçar é reversível e desmontável, feito entre moveres de intensidades e de escrita, embrenhados pelas linhas da criação, invenção, devoração e [a]tingires.

Assim, a cartopografia de intensidades é o meio pelo qual se acompanham os nomadismos do conceito geo-poesia à medida que ele estende suas conexões na geografia de seu plano de composição e consistência. O movimento diz, então, de uma cartopografia de intensidades que “[...] faz advir o desassossego, agitadora de interações violentas com o pensamento e formadora

de novos mundos” (Oliveira; Paraíso, 2012, p. 166). Dessa forma, pesquisar por cartopografia de intensidades se compõe à medida que se acompanham as linhas intensivas do pensamento que se propõe cartopografar.

Este mapear-escrever cartográfico se faz por um descentrar e inventar que se operam por um arrastar nômade, por um derivar pelas sinuosidades e por um devorar entre geografia, poéticas e filosóficas. Nesse nomadismo há que se criarem linguajares, idioletos e patoás que deem passagem às multiplicidades da geo-poesia. Movendo-se por um arrastar nômade, percorrendo e acompanhando as *geografias* inauguradas e suas estratificações e molaridades, bem como suas desestratificações e molecularidades, isto porque

a pesquisa cartográfica se embrenha por fios e linhas molares e moleculares, rígidas e maleáveis da literatura e da educação, sem demarcar as relações por polarizações e hierarquias; diz-se de uma pesquisa-rizoma que opera na imanência de forças ambivalentes de um ficcional-vivencial, sem separação, a se articularem duplamente [...] (Costa, 2022, p. 123).

A cartopografia envolve-se na experimentação composta e articulada das forças ambivalentes da palavra poética-literária e da filosofia, embrenhando e deslizando por essa geografia em devoração, operando descentramentos e tecendo invencionices. Por este movimento a cartopografia é tomada enquanto um acompanhar de processos e percursos, visto que “[...] se constitui em uma prática de pesquisa que se propõe a acompanhar processos, movimentos, trajetos... e não propriamente apreender estruturas ou definir o estado das coisas segundo uma objetividade preexistente” (Costa, 2022, p. 116).

Ao embrenhar na geo-poesia, o exercício cartográfico ocupa-se em acompanhar processos, movimentos e trajetos da geografia desse conceito que “[...] compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 25).

Cartopografar, então, implica em um exercício que se tece entre o acompanhar de processos e o intervir, remaneados por derivas e devorações que arrastam o escrever-pesquisar para longe de qualquer porto. A cartopografia não se limita ou se finaliza em uma captura de processos de [des]formação e geo-devoração da geo-poesia. Ela opera tessituras com esta geografia, invencionando, com as linhas intensivas, devorações que produzam efeitos-intensidades.

A cartopografia, na feitura de seus planos intensivos, faz-se pelo movimento de constituição do próprio conceito que se cartopografa. Planos compostos, assim, no acompanhar e criar. Acompanhar geografias em [de]composição e suas linhas segmentares, seus limiares, as estratificações e as fronteiras que as compõem. E, também, criar rupturas, fazer [de]composições outras, compor o rúmen em que se provoquem degradações e irrompam linhas de fuga e deslimites. “Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas uma linha de fuga faz parte do rizoma” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 25-26).

O mapa-escrita é traçado pelo princípio de ruptura, no “conjugar os fluxos desterritorializados” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 28). Mapear por ruptura é um ato de atenção contínua e inusitada distração em que se conjugam na escrita fluxos desterritorializados, despontados nas geo-devorações experimentadas com a poética manoelesca. A geo-poesia, assim, compõe-se por um “escrever, fazer rizoma, aumentar seu território por desterritorialização, estender a linha de fuga até o ponto em que ela cubra todo o plano de consistência em uma máquina abstrata” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 28-29).

Trata-se de um mapa de múltiplas dimensões e entradas “[...] cujas leis de utilização e de distribuição não são exatamente conhecidas” (Deleuze; Guattari, 2003, p. 19). Este mapa e, logo, este fazer cartopográfico, implicam-se em movimentos múltiplos e transversais, em composições intensivas e devoradoras.

GEO-POESIA: DESPONTARES E GEO-AGENCIAMENTOS

As desconhecidas paisagens adensam o pensamento. O cartopógrafo ocupa-se na grafia do mapa-escrita. Acompanhando as geografias do pensamento. Derivando entre as paisagens misturadas e os nomadismos da geo-poiesia. As paisagens desacostumam no olhar do cartopógrafo. Compor o mapa-escrita é um exercício de vertigens.

Ainda aproximado das linhas de uma vívida literatura e suas paisagens poéticas formativas experimentadas no espaço escolar, o cartopógrafo desdobra e redobra, compõe e recompõe o mapa da geo-poiesia. O desconhecer lateja de por dentro do olho. O cartopógrafo observa.

Linhos espalhados. Papéis pendurados. Paisagens inventivas. O desdobrar e redobrar da geo-poiesia e literatura-viva desponta conexões e filamentos que vazam pelas frestas. Pontas que se arrastam com os remansos, que experimentam rebojos de processos formativos. Traçado de invenções no mapa-escrita da geo-poiesia, que a faz experimentar paisagens geo-devoradas.

O engolir de aconteceres provoca junturas entre uma poética do ínfimo provocada de sim-bioses. A pressão das geografias desconhecidas avizinha o medo no peito do cartopógrafo. Abrem-se sendas de uma geografia incerta. Regiões por se compor, que parecem irromper a qualquer momento no subir e descer do latejar das regiões por vir. Denso desconhecer e irresistível imantar. “Um mistério suave alisando para sempre o coração/ Singular, tão singular...” (Barros, 2010, p. 43).

A paisagem provisória se compõe por uma geografia alagada e encharcada de paisagens pantaneiras e amazônicas em simbiose. Paisagens que se tecem aos poucos e que, no seu movimento repentino e lento, engolem vozes, memórias, bichos, objetos, etologias e ecossistemas da poética manoelesca, das que compõem grafias de aconteceres e as das memórias do cartopógrafo. A geo-poiesia degrada e recompõe tudo isso.

A geo-poiesia desponta com o movimento vívido da literatura na sala de aula. Os aconteceres desse movimento compõem a superfície da geo-poiesia e operam nódoas na poética manoelesca, de forma que a paisagens do ínfimo e as matérias de poesia do poeta são maculados por relações, simbioses e invenções outras. Gestam-se geografias outras entre poética e processos formativos.

A geo-poiesia devora os aconteceres experimentados com a poética do ínfimo no chão da escola. Opera junturas com eles. Compõe com as paisagens inventadas que neles surgem. A poética manoelesca conflui nos contornos da geo-poiesia pelos elementos de sua geografia e paisagens do ínfimo e as inventadas. Geo-agenciamento. Geo-conexão.

A geografia da geo-poiesia, constituída de paisagens poéticas, intensivas, inventivas e ínfimas volve-se na geo-devoração de paisagens existenciais (Tadeu; Corazza; Zordan, 2004, p. 8). A composição simbiótica e geo-antropofágica implica degradações e recomposições, de forma que estas paisagens existenciais são tomadas pelo breu e viscosidade dos rios-solidões, pela inventividade das vozes-infâncias, pela deriva implicada na criação do escrever-pesquisar e pelas nódoas de um ínfimo geo-formativo.

DESLIMITES & DESACONTECIMENTOS

Entardece. O rio gorjeia. Move seus remansos como escamas de uma cobra de vidro deslizante. Rasteja por dentro do ermo do olho. Um olhar perdido se estende pelas taperas, barco e palafitas. Paisagens descomparadas. Entardece em um ruborizar ardente dos horizontes.

De por dentro algo acontece às paisagens. Estão por vias intensivas de encontros. Desfazendo-se e refazendo. A geografia está [a]tingida de estratificações. Mas também de esquivares. “Aqui o organismo do poeta adoce a Natureza. De repente um homem derruba folhas. Sapo nu tem voz de arauto. Algumas ruínas enfrutam. Passam louros crepúsculos por dentro dos carajus. E há pregos primaveris...” (Barros, 2010, p. 197).

Há um reboliço e refolho de pré-coisas na umidade que recobre tudo. Esta geografia anda a-tingida de transfazimentos no seu chão, nas camadas de suas terras encharcadas. Estas são paisagens movediças [a]tingidas, atravessadas [...] por matérias instáveis não formadas, fluxos em todos os sentidos, intensidades livres ou singularidades nômades, partículas loucas ou transitórias” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 70).

Nestas paisagens misturadas e movimentadas, os ermos se multiplicam e, nas linhas andarilhas da composição, se maculam no encontro de tempos e misturas de ecos. Entardece, anoitece, madruga e amanhece ao mesmo tempo, como se para cada lado houvesse tempos-outros proliferando nestas paisagens rubras, alaranjadas, escuras e anis.

A solidão que atinge os seres destas paisagens é silenciosa. Mantém quietude neste contínuo movimento de misturas e simboses de paisagens. Geografias engolem-se. O brejo comunga o mangue. Cantos desesperados de cigarras misturam ao coral, anunciantes de marés, das saracuras. Garças esbarram pela tarde. Mururés passeiam nobremente. Turiás fincam nos brejos. Cheias e vazantes confundem-se. Paisagens fazem-se. Esbarram-se, faceiras.

Estamos por cima de uma pedra branca enorme que
o rio Paraguai, lá embaixo, borda e lambe.

Já posso ver na semiescuridão os canoeiros que
voltam da pescaria (Barros, 2010, p. 197-198).

Sujeitos obscurecidos de margens. Voltam, pelos remansos misturados, da despescagem do cacuri,³ da pescaria no pução,⁴ do riscar do pindá.⁵ Tem seus paneiros com mandubés, tucunarés, tambaquis, chulas e cobras cegas.

Agora o rio Paraguai está banhado de sol.
Lentamente vão descendo as garças para as margens
do rio.
As águas estão esticadas de rãs até os joelhos.
Há um rumor de útero nos brejos que muito me
repercute (Barros, 2010, p. 198).

³ N.A.: Armadilha para peixes, tecida de talas de miriti e fios de náilon, montada na beira do rio em formato de uma parede que se dobra até formar um espaço fechado.

⁴ N.A.: Área profunda do rio.

⁵ N.A.: Instrumento de pesca, com anzóis envoltos de pedaços de pano vermelhos.

As garças rumam às ilhas, no voo suspenso e silencioso. Um rumor de brejos-mangues uterinos pulsa nas margens destas ilhas garçadas. Esta é uma geografia que sofre puidezas e rasgos. Seus retalhos espalham-se nas vegetações em mistura. Suas camadas conectam-se. Terra mole, lama e mangue. Terra alta, amarela e dura. Mistura que tinge. Terra vermelha. Terra preta. Terra podre. Terra arenosa. Terra ocre. Tabatinga. Lamaçal. Barro. Argila. Tipitinga. Água barrenta, água escura. Ilhas altas, platôs. Ilhas várzeas, derivadas. Águas esticadas de silêncios até os joelhos. “Aqui o silêncio rende. Os homens deste lugar são mais relativos a águas do que a terras” (Barros, 2010, p. 198).

Os existires deste lugar passam atentos e flutuantes na semiescuridão das pequenas linguagens. Catando pedaços miúdos de idiomas de peixes e sararás, de dialetos de chulas e arraias, de estilhaços lingüeiros de baiacus e acaris. “Há vestígios de nossos cantos nas conchas destes baihados. Os homens deste lugar são uma continuação das águas” (Barros, 2010, p.199). A umidade destas geografias misturadas [a]tinge a beira dos seres e dos existires. Argila, barro, tabatinga, terras vermelhas, lamaçais e brejos diluem-se nestas águas misturadas, operando inundações e estreitas nas línguas dos seres-existires.

Instala-se uma agramaticalidade quase insana, que
empoema o sentido das palavras.
Aflora uma linguagem de defloramentos, um
inauguramento de falas (Barros, 2010, p. 265).

Operam-se [a]tingires na linguagem dos seres e existires hominídeos, animalescos, vegetais e ínfimos. Agramaticalidades crescem nas línguas de homens comungados de igarapés e derivas, de mulheres compostas de várzeas e nomadismo, de crianças constituídas de beiras e remansos, de bichos misturados de chão e paredes.

Ali, por debaixo da arraia[-línguas], se instaura uma química
de brejo. Um útero vegetal, insetal, natural. A troca de
linfas, de reima, de rúmen que ali se instaura é como
um grande tumor que lateja (Barros, 2010, p. 203).

Penso essa química e proliferações enquanto um agroval brejal-mangal que se estende nesta geografia de semiescuridão, de águas barrentas e escuras. Agroval que opera trocas e mutualismo, por debaixo da água de lançante. Agroval que se faz no encontro entre as geografias e seus seres-existires,

Penso no comércio de frisos e asas, de sucos de sêmen e de pólen, de mudas de escamas, de pus e sementes. Um comércio de cios e cantos virtuais; de gosma e lêndeas; de cheiro de íncolas e de rios cortados. Comércio de pequenas jias e suas conas redondas. Inacabados orifícios de têniás implumes. Um comércio corcunda de armaus e de traças; de folhas recolhidas por formigas; de orelhas-de-pau ainda em larva. Comércio de hermafroditas de instintos adesivos. As veias rasgadas de um escuro besouro. O sapo rejeitando sua infame cauda. Um comércio de anéis de escorpiões e sementes de peixe (Barros, 2010, p. 203-204).

O agroval move-se sutilmente entre os remansos misturados, faz da água o líquido amniótico desta geografia prenha de solidões. Remansos silenciosos e misturados movem-se calmamente sobre a paisagem anoitecida. “Mãe, a gente é bicho? A agulha espeta o dedo, a luz da lamparina

está fraca e a pergunta assusta. A resposta primeira é dada com insistência pelos grilos. A escápula range devagar e constantemente. Por que já? É que hoje na aula o professor disse que o homem é um animal, então a gente é bicho? Não, a gente é parecido, mas não é bicho”.

“Mas ele disse que a gente é animal, animal é diferente de bicho? Não sei, a gente é animal, mas diferente dos outros animais. Por quê? Porque é. Mas como a gente sabe que a gente é diferente dos outros animais? Será que eles sabem também que são diferentes da gente?”. As perguntas ficaram guardadas no silêncio da criança, grudadas no pensamento e sendo embaladas pela rede até adormecerem.

Sonharia com seu corpo sobrevoando a casa de madeira e palha, viajando em asas desconhecidas por cima do torto rio. Amanheceria com a sensação de que, se pulasse bastante alto, voaria novamente. Achava uma resposta. “Mãe, a gente é quase bicho, porque a gente voa fora da asa”. O rio ainda estufado encobria a geografia prenha de solidões e simboses. No tempo espichado da solidão espalhariam outros [a]tingires de porquês nas vozes da criança e outros espetares nos dedos da mãe.

As águas em profundo e constante movimento levam embora a tarde espichada. A geografia dos encontros é recoberta de silêncio e de uma densa escuridão. A noite se tece vagarosamente, quente e úmida. Há um rumor de trovões ao longe. As águas que cobrem estas terras logo terão em seu veio uma torrente de água desbocando sobre as paisagens inauguradas. Nos vãos das palafitas nem um vento assobia.

“Tudo está preparado para a vinda das águas. Tem uma festa secreta na alma dos seres” (Barros, 2010, p. 205). Crianças balançam redes. Mulheres tomam banho. Homens se enxugam de solidão. Os ventos soam frenéticos entre os corredores das árvores. As frestas das palafitas ressoam, assobiam. Do assoalho surgem pequenas ondas frias. “Caem os primeiros pingos. Perfume de terra molhada invade a fazenda. O jardim está pensando... Em florescer” (Barros, 2010, p. 205).

A solidão atinge deslimites com a chuva. Encharcam geografias as águas precipitadas desta solidão. Recobre a geografia com suas refegas e expande os territórios por aguamentos. Cava, com força, entre fronteiras, faz descer e subir terras. Transfaz a natureza, terra seca em lama, lama em tingimento, tipitinga, para o rio e o rio recobre ainda mais a geografia sobre a qual a solidão se lança.

Na chuva, as águas que eram misturadas, pertencidas a um e outro rios, tornam simbióticas. A constituição destas águas, geografias e paisagens é a de deslimite. Estas paisagens existenciais, poéticas, ínfimas e remendadas compõem-se pelo deslimite. O deslimite se tece, emenda-se pela solidão e seu espalhar viscoso por entre geografias e seus bichos e pessoas e coisas de chão. O deslimite seria um alargamento das coisas e geografias e pessoas e bichos e palavras. Alargamento composto pela solidão espalhada dos rios. A solidão, com suas águas, atinge a geografia dos encontros. Espalha e provoca, em seus viveres e existires e composições, [a]tingires de por dentro, de por fora, de por cima, de por baixo e pelo meio. Aqui geografia da geo-poiesia e solidão se [co]fundem, entram em zonas quase indiscerníveis.

Na indiscernibilidade entre geografia e solidão atingem-se pontos de inaugurações e estreitas e invencionices. O deslimite é o movimento inventivo, de transfazimentos, que atinge os seres, existires, coisas, geografias e paisagens tomados de solidão.

Porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos,
rodeados de distâncias e lembranças,
é botando enchiamento nas palavras.
[...] É, enfim, através das vadias palavras, ir alargando os nossos limites (Barros,
2010, p. 208-209).

Os deslimites, esse ala[r]gamento infinito de fronteiras, fazem-se pelos dialetos poéticos experimentados em virtude da solidão que se espalha na geografia e paisagens misturadas de ínfimo. Assim, junto com a lançante e com a solidão, as palavras vadias alargam os limites e os limites desta geografia de encontros.

“Mãe, dita pra mim! Agora estou lavando roupa. Ah, mas eu me sento aqui perto mesmo, a senhora vai falando e eu vou escrevendo. Coragem. Agulha. Açaí. Sentimento. Sentinela. Porta. Sabão, não esquece o acento, o til. Barco. Tábua. Linha. É com *enhe ága*? Sim. Água com espuma escorrendo pela lama. Baldes enchendo bacias. Roupas esfregando. Vassoura. Árvore. Caju. Interesse. Louvor. Cupu. Natal. Remanso. Presente. Roupas. Cacuri. Dite umas mais difíceis. Nem sei... deixa eu lembrar. Paralelepípedo. Admoestação. Fidelidade. Solidão...”.

As palavras que dizem da geografia da geo-poesia com suas paisagens e geografia de encontros estão manchadas dos dialetos poéticos que surgem na química instaurada pela própria geografia da geo-poesia. Nesse deslimite que desponta no emendar dos remansos e chuvas com as camadas geográficas, experimentam-se alargamentos e alagamentos do ser e existir outros pelas palavras.

Sente-se pois então que árvores, bichos e pessoas
têm natureza assumida igual. O homem no longe,
alongado quase, e suas referências vegetais, animais.

Todos se fundem na mesma natureza intacta (Barros, 2010, p. 209).

Simbioses de deslimites. Seres, elementos, existires e respirares que se [co]fundem na mesma natureza maculada da geo-poesia e suas paisagens de solidões. Alongamentos de homens e bichos e coisas, na constituição de zonas de vizinhanças que se estendem por toda uma natureza misturada, confundida e refeita a partir de geografias pantaneiras e amazônicas.

Nesta geografia de encontros, solidões, deslimites suas “[...] áreas geográficas só podem abrigar aí uma espécie de caos ou, quando muito, harmonias extrínsecas de ordem ecológica, equilíbrios provisórios entre populações” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 81). Esta é uma geografia cujas áreas geográficas são de algazarra, tonturas geológicas e poéticas, de azuações de remansos e vozes-infâncias, de perturbações eto e ecológicas, de constituições que podem desfazer tão logo se mude a maré. Tão logo reponte.

Nômade geografia fazendo-se outras, espichando pelos tempos e espaços de solidões, encontros, deslimites e desacontecimentos que rumam a outras constituições, a outras composições. Nomadismo geográfico intensivo. Experimentação de decomposições outras no seio da despalavra, “a palavra incapaz de ocupar o lugar de uma imagem” (Barros, 2010, p. 368). Esta geografia está em vias de desfazimento de suas paisagens. Desolações outras atingem o olho. Geografias aguadas. Fluxos desterritorializando.

Esta geografia, no dinamismo e imprevisibilidade dos encontros que a constituem, compõe-se por desarranjos e novos arranjos de produção de realidades. Geografia em caosmose. Geografia que, entre suas áreas geográficas e paisagens em simbioses “[...] não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, *riacho* sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 49).

Esta geografia é sempre emprestada a velocidades que a designam e que, ao lhe designarem, ensaiam ser outra coisa no terreno que constroem. Experimentam possibilidades de mundos outros nas latitudes e longitudes adquiridas por aquilo que é, agora, a [re]constituição da geografia dos

encontros, da geo-poesia. Desmantha-se esta geografia e seus rios por um movimento repentino de regiões ainda por vir, cujos ecos avizinham-se.

VAZANTE

Escrever-pesquisar por intensidades literárias ao modo de uma cartopografia (cartográfica e antropofágica) com a geo-poesia de Manoel de Barros nas afluências de uma geo-educação constituiu o principal desafio deste trabalho. No navegar desse mapa-escrita tecemos pontes e pontas de filamentos geo-filosóficos e poéticos, pelos encontros com Deleuze e Guattari, Manoel de Barros e intercessores, com o intuito de experimentar modos outros de sentir e inventar paisagens amazônicas e pantaneiras nesse rio-educar.

No movimento experimentativo desse escrever-pesquisar por cartopografia de intensidades, adentramos em um barco-rúmen geo-poético, implicado por procedimentos de criação, [a]tingires e devoração, em que se rumina o pensar e por ele é ruminado à espreita de transcrições. O rizoma desse mapa-escrita se faz por terreiros e tabatingas, nos movimentos ínfimos de uma grafia engolida pela geografia que o cerca. Decomposto em algo pígio, úmido e encharcadamente devorado. Engolido intensivamente pelo chão de um terreiro inventivo de aprenderes, sobre o qual se espalham vozes-infâncias, reverberadas em meandros, abafadas do calor da criação.

Nesse sentido, a geo-poesia apresenta-se como uma abertura formada por geografias misturadas, volvidas em movimentos de [de]composição inventiva de paisagens tecidas entre remansos de rios-solidões e de ecoares de vozes-infâncias. Esta mistura de ecos, tabatingas, ribanceiras e fluxos produz [a]tingimentos no educar, experimenta educares impetuosamente gerados nas velocidades e viscosidades de encontros, infâncias e solidões, desafia a desacostumar o olhar, a desver o mundo, a sentir e inventar outras composições.

Um educar que se tinge nessa grafia misturada, enquanto um movimento contínuo e cotidiano. Em simbiose com paisagens e poéticas amazônicas e pantaneiras. Um íntimo aprender que se teça como movimento de experimentar o mundo. Em um tecer sentidos por sentires, compor aprenderes por brincares e experimentar as tessituras de educares por vias sinuosas dos meandros da geo-poesia. Na devoração de paisagens, que engole ecos, vozes-infâncias e rebuliça rios, a fim de tecer um educar gestado no denso mato misturado de tonalidades e desmanches. Um aprender geo-poeticamente solitário e potente. Um desver e um contínuo (des)inventar de paisagens ínfimas nesse rio-educar.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- COSTA, Gilcilene Dias da. Cartografias literárias nas artes de escrever-pesquisar. In: LEMOS, Flávia Cristina Silveira *et al.* (org.). *Encontros de Michel Foucault com Gilles Deleuze e Félix Guattari: governabilidades, arqueogenealogias e cartografias*. Curitiba: CRV, 2022. p. 113-125.
- COSTA, Gilcilene Dias da. *Trilogia antropofágica [a educação como devoração]*. 2008. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1.
- OLIVEIRA, Thiago Ranniery; PARAISO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. *Pro-Posições*, v. 23, n. 3 (69), p. 159-178, 2012.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓCIA, Liliana (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paola. *Linhas de escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.